

LEVANTAR ÂNCORA POR ESSE MAR DE LETRAS

Vergílio Alberto Vieira

- ▶ **As Aventuras de Pinóquio**
- ▶ **Jogos e Rimas Infantis**
- ▶ **O Livro das Fábulas**
- ▶ **Os Animais Nossos Amigos**
- ▶ **Bartolomeu Marinheiro**
- ▶ **As Aventuras do Trinca-Fortes**
- ▶ **Contos para Crianças (de Guerra Junqueiro?)**
- ▶ **Vários de Júlio Verne**

Tempos houve (terá havido?) em que também eu não quis crescer, e ser Pessoa, como o poeta de quem tomei de empréstimo o título: Do Alto da Cavalão Azul. Mas há quanto tempo foi isso?

“Minha velha ama, nem eu sei já quando!”

Aprendiz de leitor, só bem mais tarde dei por mim já a contos com o fascínio pela arte da escrita, enquanto a arte de ler ia passando do Éden encenado a cores, por Afonso Lopes Vieira, para as páginas, a preto e branco, do Pinóquio, de Collodi, que um médico farmacêutico, amigo de meu pai, e há pouco chegado à vila de Amares, vindo de África, me oferecera, porque sempre se fazia acompanhar de um pequeno cão, gordo como texugo, com o nome do boneco a quem o nariz crescia a toda a hora.

Talvez porque nos lemos, quando o fascínio da leitura nos leva pela mão aos lugares onde apenas podemos sonhar ir, sei hoje que o anjo que nos fala nos sonhos, como na Bíblia a Daniel, enquanto lemos, tem asa de leão e juba de águia, à hora em que se aventura pela floresta de medos que cada um de nós é, quando caminhámos guiados apenas pelo fio de ouro da fábula.

As minhas leituras de infância foram escassas no que toca a diversidade.

Ofereceram-me *As Aventuras de Pinóquio* aos sete anos e nunca mais parei de o ler: dormia com ele debaixo do travesseiro.

Depois, quando chegou a Amares a Biblioteca Itinerante da Gulbenkian, aí por 1958, foi um levantar âncora por esse mar de letras que nunca mais teve fim.

Então que lia eu? O que havia para ler: *Jogos e Rimas Infantis*, *O Livro das Fábulas*, *Os Animais Nossos Amigos*, *Bartolomeu Marinheiro*, *As Aventuras do Trinca-Fortes* (era assim o título?), *Contos para Crianças (de Guerra Junqueiro?)* e os inevitáveis Júlio Verne.

A passagem, no entanto, das primeiras leituras para a literatura adulta deu-se muito rapidamente, porque, como disse há semanas, ao *JL* – numa rubrica chamada *Os Meus Professores*, meu pai pôs-me a ler & a aprender português, aos dez anos, pela selecta literária do 3º ano, da autoria do jesuíta Abel Guerra, e aos doze já eu conhecia Camões, Vieira, Camilo, Eça, Cesário e C.^a.



Vergílio Alberto Vieira nasceu em 1950, em Amares, Braga, e cursou Letras na Universidade do Porto, vindo a fixar-se, a partir de 1993, em Lisboa, onde lecciona como professor na Escola Passos Manuel. Autor de meia centena de títulos, a sua obra reparte-se pelas áreas da poesia, ficção, teatro, diarística, ensaio/crítica e infanto-juvenil. Alguns dos seus livros encontram-se traduzidos para castelhano, búlgaro e, recentemente, em

língua galega, encontrando-se representado em antologias editadas no estrangeiro. No domínio da literatura infanto-juvenil publicou, desde finais dos anos 80, cerca de duas dezenas de títulos, conjunto que engloba poesia, conto e teatro e do qual se destacam, por exemplo, *A Cor das Vogais* (1991), *O Peixinho Folha-de-Água* (1989), *O Saco das Mentiras* (1999) e *Para não quebrar o encanto* (2007). Durante vários anos, fez crítica de livros no *JN* (Porto) e no *Expresso*, textos em parte reunidos em *Os Consentimentos do Mundo* (1993) e *A Sétima Face do Dado* (2000). Nos últimos anos, publicou: *A Biblioteca de Alexandria* (2001), *Crescente Branco* (2004) e *Párame de Repente* (2005), nos domínios da narrativa, poesia e teatro, respectivamente, e, ainda, toda a obra poética com o título *Papéis de Fumar* (2006).